

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS – CCHSL
LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

LORRANY KAROLINE NASCIMENTO SOUSA

AUTODIDATISMO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DE
APLICATIVOS E SITES GRATUITOS PARA O AUTOAPRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA

Imperatriz - MA

2025

LORRANY KAROLINE NASCIMENTO SOUSA

**AUTODIDATISMO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DE
APLICATIVOS E SITES GRATUITOS PARA O AUTOAPRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas
da Universidade Estadual da Região Tocantina
do Maranhão – UEMASUL, como requisito
básico para a conclusão do Curso e a obtenção
do grau de Licenciada em Letras Inglês.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Edna Sousa Cruz.

Imperatriz - MA

2025

S725a

Sousa, Lorranny Karoline Nascimento

Autodidatismo e as tecnologias digitais: uma análise de aplicativos e sites gratuitos para o autoaprendizado da língua inglesa. Lorrany Karoline Nascimento Sousa. – Imperatriz, MA, 2025.

34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2025.

1.Aprendizado Autônomo. 2.Tecnologias Digitais. 3.Narrativas Docentes. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 159.953.5:331.101.52

Ficha elaborada pela Bibliotecária: **Jennifer Rabelo Pires CRB13/987**

LORRANY KAROLINE NASCIMENTO SOUSA

**AUTODIDATISMO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DE
APLICATIVOS E SITES GRATUITOS PARA O AUTOAPRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas
da Universidade Estadual da Região Tocantina
do Maranhão – UEMASUL, como requisito
básico para a conclusão do Curso e a obtenção
do grau de Licenciada em Letras Inglês.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Edna Sousa Cruz.

Aprovada em: 14/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **EDNA SOUSA CRUZ**
Data: 26/02/2025 16:30:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Edna Sousa Cruz

ILZA LEIA RAMOS
AROUCHE:25271466353

Assinado de forma digital por ILZA LEIA
RAMOS AROUCHE:25271466353
Dados: 2025.02.25 21:36:09 -03'00'

Prof.^a Dr.^a Ilza Léia Ramos Arouche



Documento assinado digitalmente

MONICA ASSUNCAO MOURAO

Data: 26/02/2025 09:43:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Mônica Assunção Mourão

Imperatriz - MA

2025

AUTODIDATISMO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DE APLICATIVOS E SITES GRATUITOS PARA O AUTOAPRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

Lorrany Karoline Nascimento Sousa (UEMASUL)¹

Orientadora: Dr.^a Edna Sousa Cruz (UEMASUL)²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o uso de aplicativos e sites gratuitos de aprendizagem de Língua Inglesa como impulsionadores do processo de autodidatismo. A partir da narrativa de quatro professores de Língua Inglesa da cidade de Imperatriz (MA), a pesquisa destaca a validade dessas ferramentas como ferramentas complementares ao ensino em sala de aula. O trabalho explora os dizeres dos professores entrevistados acerca de suas experiências pessoais e profissionais no campo da Língua Inglesa. A leitura analítica dos dados sinaliza que o autodidatismo, mediado por tecnologias, aumenta as possibilidades de ensino-aprendizagem e se configura como uma abordagem eficaz no cenário educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Aprendizado Autônomo, Tecnologias Digitais, Narrativas docente.

ABSTRACT

The objective of this study is to discuss the use of free English language learning apps and websites as drivers of the self-learning process. Based on the narratives of four English language teachers from the city of Imperatriz (MA), the research highlights the validity of these tools as complementary resources for classroom teaching. The study explores the perspectives shared by the interviewed teachers regarding their personal and professional experiences in the field of English. The analytical reading of the data indicates that self-directed learning, mediated by technological resources, expands the possibilities of teaching and learning, serving as an effective approach within the contemporary educational context.

Keywords: Autonomous learning, Digital technologies, Teaching narratives.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) – Campus Imperatriz – e-mail: LorranySousa.20200004894@uemasul.edu.br.

² Doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) - Campus Imperatriz – e-mail: edna.s.cruz@uemasul.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

O ensino formal de Língua Inglesa no Brasil começou em 1809, quando a Coroa Portuguesa decretou a inserção do inglês e francês nas escolas do Rio de Janeiro. Antes do decreto, professores ingleses e americanos já ofereciam aulas particulares, anunciadas em jornais locais, como a Gazeta do Rio de Janeiro (Silva, 2020). A procura de interessados em aprender uma língua estrangeira à época é evidenciada por Silva (2020) que, antes mesmo da existência da regulamentação formal, o ensino de línguas já era um exercício que tinha entre seu público-alvo grupos sociais, que buscavam por aulas particulares, interessados em melhorar suas habilidades linguísticas.

No início do século XIX, a Língua Inglesa passou a ser mais associada ao crescimento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e países como o Reino Unido e os Estados Unidos. Como Valdomiro (2014, *apud* Silva, 2020, p. 14) informa, nesse período, “a prática oral da língua estrangeira era voltada principalmente para profissionais do mercado de trabalho, com o objetivo de facilitar parcerias comerciais”. Valdomiro mostra que o período em questão foi marcado pela procura do aprendizado da língua como ferramenta necessária para negociações econômicas.

No início do século XX, o ensino de inglês começou a se expandir além das elites e foi gradualmente incorporado ao currículo das escolas públicas. A este respeito, Quevedo-Camargo (2017) informa que a crescente demanda de internacionalização e inserção social ampliou a necessidade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas, mesmo com os desafios enfrentados pelo sistema educacional descentralizado.

Em vista da expansão do interesse e uso da Língua Inglesa no território brasileiro, a inclusão do inglês na educação pública, segundo a autora, teria como objetivo atender uma demanda mais prática, isto é, preparar os alunos para o mercado de trabalho globalizado e em expansão, mesmo com barreiras educacionais, como a ausência de recursos adequados para as condições de trabalho dos professores e na formação de futuros professores.

Com a consolidação do inglês no currículo escolar e o crescente contato internacional dos países ao redor do globo, o inglês passou a desempenhar um papel ainda mais importante como língua da comunicação, não apenas no Brasil, mas também globalmente. Em relação à expansão global do inglês, Crystal (2003, *apud* OLIVEIRA, 2022, p. 14) aponta a Língua Inglesa como um fenômeno sem precedentes, ao destacar que:

“Nunca houve um tempo em que tantas nações precisassem se comunicar tanto umas com as outras. Nunca houve um tempo em que tantas pessoas quisessem viajar a tantos lugares. Nunca houve tanta demanda de recursos convencionais de tradução e interpretação. Nunca houve tanta necessidade de propagação do bilinguismo, visando aliviar a carga de alguns profissionais. E nunca houve necessidade tão urgente de uma língua global” (CRYSTAL, 2003).

Crystal afirma que a expansão do inglês consolidou sua relevância nas interações globais, resultando, sobretudo, uma busca vasta por resultados na aprendizagem do idioma, seja pela necessidade de utilizá-lo em viagens, como ferramentas de tradução ou pela disseminação em dominar dois idiomas, que, segundo o autor, são ações que impulsionam atividades econômicas e que antes não existiam com tanta frequência.

Ao longo dos anos, conseqüentemente, as metodologias para o ensino de inglês também evoluíram, acompanhando as mudanças no cenário global e a necessidade de aprendizados mais flexíveis, a título de exemplo, o aprendizado autônomo.

Pensando no contexto das escolas públicas brasileiras, Leffa (2003) reflete que a autonomia no processo de aprendizagem é fundamental para aqueles que desejam dominar uma língua estrangeira, já que o ensino em sala de aula, por si só, não seria suficiente para proporcionar o desenvolvimento integral das competências linguísticas dentro da realidade das salas de aula. No que se refere à carga horária limitada, Paiva (2003, p.01) concorda ao dizer:

“Se, por um lado, a pouca carga horária dificulta um ensino eficiente, por outro lado, o conceito de língua como sistema, o excesso de foco na forma, somados a metodologias centradas no professor impedem o desenvolvimento de uma aprendizagem mais autônoma e a criação de um ambiente de aprendizagem que permita ao aluno utilizar estratégias que privilegiem seu próprio estilo de aprendizagem” (PAIVA, 2003).

A fala de Paiva (2003) demonstra que seria mais eficiente para o aluno se houvesse a combinação de fatores como maior tempo de exposição ao idioma e o uso de estratégias de aprendizagem centradas nesse público, a fim de favorecer positivamente a aquisição da língua estrangeira. Desta forma, considerando a realidade atual do Brasil, o aprendizado autônomo mostra-se como essa estratégia esperada por Paiva (2003), que funcione como complemento às atividades em sala de aula.

No que concerne à autonomia, para Benson (1997, p. 143, apud Kobayashi; Zampini), a autonomia pode ser entendida em três dimensões: a técnica, que se concentra no desenvolvimento de habilidades; a psicológica, que trata das atitudes e responsabilidades do aprendiz; e a política, relacionada ao controle do processo de aprendizagem.

Essas três dimensões, pelo que sustenta Benson, mostram que a autonomia pode ir além de uma simples organização pessoal, ela abrange diferentes aspectos que afetam como o aluno conduz seu processo de aprendizado e toma decisões para alcançar seus objetivos. Isso implica a busca por uma abordagem que considere tanto as habilidades técnicas quanto os fatores emocionais e decisórios envolvidos no percurso de aprendizagem.

Com o avanço da globalização, os avanços tecnológicos se tornaram uma consequência natural desse processo. Conforme destacam Finardi e Porcino (2014), “as tecnologias quebram as barreiras físicas das salas de aula e apagam as fronteiras entre países e línguas, permitindo que os usuários aprendam de acordo com seu próprio ritmo”. A partir do papel das tecnologias, como um meio que “quebra barreiras físicas”, definido por Finardi e Porcino (2014), nasce também o papel da autonomia, que também ultrapassa as barreiras da sala de aula e se torna uma ponte entre o aluno e o aprendizado da Língua Inglesa.

D’Andrea (2015) define o estudante autodidata como aquele que busca o conhecimento por conta própria, direcionando seus esforços para atingir objetivos específicos. Leffa (2003, p. 40) ressalta que a aprendizagem eficaz de uma língua estrangeira depende da autonomia do aprendiz, uma vez que os conteúdos trabalhados em sala de aula possuem limitações. A perspectiva de Leffa reforça a ideia de que, para o desenvolvimento das habilidades linguísticas que realmente possam agregar, é necessário que o aluno busque além do que é ensinado em um ambiente escolar e que ele adquira estratégias de autogerenciamento do seu estudo e principalmente recursos complementares para aprimorar suas habilidades linguísticas.

O autoaprendizado de inglês por meio de ferramentas digitais é um importante meio de inclusão no ensino de idiomas, especialmente para pessoas com dificuldades financeiras que limitam seu acesso a cursos de idiomas pagos. De acordo com Santos e Garcia (2023), promover a inclusão digital não é apenas uma responsabilidade dos alunos, mas também um dever da educação em geral, pois busca fornecer acesso a recursos além do ambiente escolar.

A perspectiva de Santos e Garcia é reforçada pela experiência pessoal da autora deste projeto, que, sem condições de pagar cursos presenciais, fez progressos significativos no aprendizado de inglês por meio do autodidatismo e do uso de aplicativos e sites gratuitos. Esse exemplo ilustra como as ferramentas digitais podem democratizar o acesso ao conhecimento, ampliando as oportunidades de aprendizado autônomo para além das barreiras econômicas.

Este estudo tece considerações acerca dos recursos digitais gratuitos enquanto ferramentas que contribuem para o aprendizado da Língua Inglesa, oferecendo opções

acessíveis para aqueles que não têm condições de investir em cursos pagos.

A pesquisa tem como objetivo geral discutir o uso de aplicativos e sites gratuitos de aprendizagem de Língua Inglesa como impulsionadores do processo de autodidatismo. E como objetivos específicos: investigar como os recursos digitais contribuem para o desenvolvimento das habilidades linguísticas (leitura, escrita, fala e compreensão auditiva); narrativizar as percepções de professores sobre a eficácia e a utilização desses recursos para estudantes da Língua Inglesa; verificar a contribuição de aplicativos e *websites* gratuitos no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa.

O trabalho está estruturado em sete seções, incluindo esta introdução. A segunda seção examina a autonomia no aprendizado da língua inglesa, enfatizando seus benefícios e desafios, especialmente no contexto do aprendizado autodirigido. A terceira seção discute o papel das tecnologias digitais na educação, explorando como essas ferramentas afetam o desenvolvimento da autonomia. A quarta seção descreve a metodologia qualitativa utilizada, com foco nas entrevistas realizadas com professores de inglês. A quinta seção, como *corpus*, analisa as narrativas dos professores sobre o ensino autônomo, destacando suas experiências pessoais e práticas de autoaprendizagem. A sexta seção avalia as percepções dos professores sobre o uso de recursos digitais para aprimorar as habilidades linguísticas, como leitura, escrita, fala e audição. Por fim, a sétima seção apresenta as conclusões, refletindo sobre os resultados da pesquisa e suas implicações para o ensino autônomo e digital de idiomas.

2. AUTONOMIA NO APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA: BENEFÍCIOS E DESAFIOS

O autodidatismo refere-se à capacidade de um indivíduo em conduzir seu próprio aprendizado de forma independente, sem a orientação direta de um professor. Como evidenciado por Oliveira e Silva (2022), "o autodidatismo acelera a aprendizagem da Língua Inglesa, bem como serve de estímulo para a busca de novos conhecimentos". Essa capacidade, conforme explicitam as autoras, especialmente em tempos de globalização e consequentemente, com rápidas transformações tecnológicas, tornou-se uma competência interessante tanto para o mercado de trabalho quanto para a educação moderna, pois o acesso à informação cresceu consideravelmente com a internet, permitindo que qualquer pessoa, em qualquer lugar, busque aprender de forma independente.

A reflexão sobre a autonomia, especialmente no aprendizado de línguas, nos remete a outras teorias que também enfatizam a importância da participação ativa do aluno no processo

de aquisição de conhecimento. O teórico Lev Vygotsky elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que destaca um campo de ações construído na interação social. Conforme Vygotsky (1984, p. 98, apud Coelho e Pisoni, 2020), “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Tal fenômeno ocorre, pois, segundo Vygotsky Vygotsky (1984, p. 98, apud Coelho e Pisoni, 2020), quando a criança realiza tarefas com auxílio, ela internaliza habilidades e conhecimentos que logo serão capazes de aplicar de forma independente. De maneira similar, no contexto da educação online, o uso de ferramentas digitais oferece recursos que podem favorecer o aprendizado autônomo. No entanto, a ausência de interações diretas e o desafio de manter a regularidade no estudo podem dificultar o progresso.

A autonomia, segundo Paiva (2006), valoriza a centralidade do aluno, fazendo com que ele não apenas escutasse, mas também participasse ativamente na construção de seu conhecimento, guiado por suas próprias decisões e motivações. Com o movimento em direção à centralidade do aluno, faz-se necessário uma compreensão mais detalhada a partir da identificação das três dimensões de autonomia (técnica, psicológica e política), que Benson (1997) desempenhou e comparou com as três teorias do conhecimento e aprendizagem (positivismo, construtivismo e teoria crítica).

A dimensão técnica é um modelo de aprendizagem em que o conhecimento do estudante progride fora do ambiente escolar e sem assistência direta de um professor. Dimensão psicológica é uma habilidade pertencente ao aprendiz de assumir uma responsabilidade pelo seu próprio conhecimento, validada em características como comportamento, atitudes e traços de personalidade. Por fim, a dimensão política, a capacidade de possuir controle sobre os processos e conteúdos do próprio aprendizado, possibilitando ao estudante a tomada de decisões conscientes e críticas sobre o que é e como aprender. (BENSON, 1997 apud PAIVA, 2006).

Cada dimensão pontuada por Benson traz contribuições e características específicas, mas que juntas demonstram um processo ativo que combina habilidades práticas, aspectos internos e a capacidade de tomar decisões críticas, caracterizando assim a importância de conceber como se manifesta o perfil do estudante autodidata. Ademais, esse perfil revela como o modo de aprendizagem pode ser tanto autônomo quanto dinâmico, com o aluno assumindo a responsabilidade por sua própria educação. O autodidatismo no aprendizado de línguas, como o inglês, oferece benefícios significativos, especialmente no que se refere à flexibilidade e à própria personalização de aprendizado. A flexibilidade oportuniza ao

estudante organizar os seus estudos conforme seu próprio ritmo e disponibilidade, sem a limitação de horários fixos. Além disso, a personalização promove ao aprendiz a escolha de recursos que melhor atendem às suas necessidades e preferências, assim criando um meio de aprendizado mais instigante.

Paiva (2006, p. 46) evidencia os benefícios do desenvolvimento da autonomia no processo educacional dos alunos que “em vez de, passivamente, aceitarem as limitações curriculares das escolas, eles desenvolvem suas próprias estratégias, exercem sua autonomia e tornam-se autores de suas próprias histórias de aprendizagem”. A perspectiva de Paiva é reforçada pela observação de que os alunos que desenvolvem suas próprias estratégias de aprendizado não apenas complementam o ensino formal, mas também estão mais bem preparados para enfrentar situações práticas que exigem flexibilidade, adaptação e aprendizado contínuo.

O contexto da autonomia na aprendizagem de língua estrangeira, que nasceu a partir do equilíbrio da comunicação entre a língua estudada e o aprendiz, de acordo com Paiva (2006, p. 2), tem como ponto de referência de seu surgimento o advento da abordagem comunicativa. A autora afirma que:

“Antes disso, não havia espaço para o reconhecimento da autonomia, pois o professor controlava todas as atividades de aprendizagem e os direitos dos aprendizes ficavam limitados à escolha da escola, embora os mais jovens não tivessem voz nem sobre isso, já que essas escolhas eram feitas por seus pais” (PAIVA, 2006).

Anteriormente, como ela pontua, havia uma limitação na participação do aprendiz em seguir instruções e absorver conteúdo de forma passiva. Esse modelo tradicional, centrado exclusivamente no professor, desconsiderava o papel ativo do aluno no desenvolvimento de sua própria aprendizagem. Segundo Kobayashi e Zampini (2020), “a autonomia deve ser trabalhada no processo de ensino para que o aluno esteja preparado para prosseguir o seu desenvolvimento quando estiver fora do ambiente educacional”. Pelo que sustentam os autores, o aprendizado autônomo, seja através de cursos online ou outras plataformas tecnológicas, transforma-se em uma habilidade imprescindível, favorecendo aos profissionais meios de adquirir novas aptidões e mais facilidade em se adaptar às inovações do mercado.

Esse modelo educativo de Kobayashi e Zampini (2020) também apresenta algumas limitações, como a falta de orientação e feedback, que são pontos necessários para orientar o estudante na correção de erros e garantir seu progresso contínuo. A ausência de um mediador pode impossibilitar a identificação de irregularidades no aprendizado, como a pronúncia e/ou

a estrutura gramatical incorreta. Marzari e Kader (2014) observam que, quando o ambiente da sala de aula não atende aos objetivos do aprendiz, ele recorre à autonomia para buscar conhecimentos além do que é ensinado formalmente. Contudo, a falta de feedback pode levar à persistência de erros, prejudicando a fluência na compreensão da língua.

3. O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

A tecnologia digital trouxe transformações para salas de aula físicas e virtuais, possibilitando transformações metodológicas no acesso a conteúdos multimídia interativos, como aplicativos e plataformas online de idiomas. Segundo Paiva (2012, *apud* Landim, 2019, p. 625).

“A primeira tecnologia a revolucionar o ensino de línguas estrangeiras foi o livro didático, a segunda foi a gravação em áudio, com a criação do fonógrafo e seus desdobramentos até chegar aos gravadores portáteis e depois aos CDS. Em seguida foi a vez da tecnologia em vídeo, e hoje temos um leque vasto e diversificado de tecnologias que consagram de forma definitiva o avanço dessa ferramenta, como um elemento de salutar importância para a emergência de comportamentos autônomos no ensino de línguas” (PAIVA, 2012).

Paiva (2012) traça uma trajetória de ferramentas que foram modernizando o ensino e que também complementam métodos passados, assim, transformando o aprendizado mais personalizado, interativo e acessível. Além de auxiliar na reformulação do formato do ensino de idiomas, as tecnologias digitais, segundo a autora, também contribuem para promover a acessibilidade na educação. Nesse contexto, essas tecnologias, enquanto ferramentas de suporte educacional, ampliam significativamente as oportunidades de aprendizado, especialmente para grupos historicamente marginalizados, como destaca Selwyn (2008) ao citar Clark (2003):

Há muito, as TIC foram promovidas como meios particularmente apropriados para que os cidadãos desempenhem papéis ativos na melhoria das perspectivas educacionais. Fundamentalmente, oferecem caminhos nos quais indivíduos "previamente marginalizados" "possam participar melhor" da educação (CLARK, 2003, p. 98 *apud* SELWYN, 2008, p. 819).

As TIC, conforme Clark (2003), tornam-se um meio de inclusão social na educação ao permitir que grupos marginalizados, como comunidades de baixa renda e rurais, participem dessa aprendizagem. A atuação dessas tecnologias manifesta seu potencial de superar barreiras estruturais e ampliar o acesso equitativo às oportunidades educacionais.

A respeito do papel da tecnologia para além da sala de aula, os teóricos da área pontuam que ela, em que pese sua importância, não dispensa a assistência do professor. Conforme D'Andrea (2015, apud Santos, 2020), "os mestres são importantes, [...] são eles que mergulham profundamente no mundo dos pensamentos e das ações para que, com a sua prática, ajudem seus discípulos a alcançarem seus próprios níveis de excelência".

O olhar de D'Andrea sobre a importância do acompanhamento de um professor destaca que tal mescla de ensino possibilita que o aluno usufrua tanto da autonomia proporcionada pelo ambiente digital quanto do suporte necessário oferecido nas interações presenciais em sala de aula.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2001), examina os significados, as motivações, os objetivos, as crenças, os valores e os comportamentos humanos, explorando camadas mais complexas de interações e dinâmicas que não podem ser limitadas a dados numéricos ou classificações fixas. As afirmações de Minayo trazem à tona a importância da pesquisa qualitativa, especialmente na área da educação, uma vez que ela permite uma compreensão direta das percepções e vivências daqueles que dela participam. A abordagem qualitativa é adequada para este estudo, no que se refere à narrativização dos professores de inglês entrevistados. A narrativa oral, segundo Rocha-Coutinho (2006, p. 67):

“[...] se apresenta como uma das melhores formas de se fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, porque permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades como também sentimentos, isto é, a experiência emocional de seus informantes” (ROCHA-COUTINHO, 2006).

Por meio das narrativas docentes, é possível entender como eles interpretam e aplicam sites e aplicativos em suas práticas de ensino e, assim, revelar o impacto dessas ferramentas no desenvolvimento da autonomia dos alunos. A narrativa é fundamental nesse processo, pois não apenas descreve ações, mas também reflete os significados, as motivações e os desafios enfrentados pelos professores.

O procedimento metodológico envolveu a realização de entrevistas orais com quatro professores de inglês, que atuam em escolas públicas e privadas de Imperatriz. As entrevistas foram realizadas de modo presencial e remotamente, sendo registradas em áudio que posteriormente foram transcritos. Identificados por seus prenomes, conforme concordância

por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os professores são:

Mayara, 36 anos, professora de inglês há 16 anos e formada na Faculdade Estácio, atualmente trabalha em uma escola bilíngue voltada para a educação infantil. Apaixonada por idiomas desde a adolescência, sua curiosidade teria sido despertada por músicas e filmes em inglês. Mayara iniciou a aprendizagem de Língua Inglesa como autodidata e, posteriormente, desenvolveu suas habilidades linguísticas ao ingressar em uma escola de idiomas. Além de considerar-se uma educadora experiente, Mayara se destaca no seu campo de atuação por integrar tecnologias ao ensino, principalmente em suas aulas particulares, utilizando uma variedade de aplicativos e ferramentas digitais para tornar suas aulas mais interativas.

Petter, 23 anos, é professor de inglês formado pela Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL), que leciona desde 2019. Devido à influência direta de sua mãe, também professora de inglês, Petter cresceu em um ambiente favorável ao aprendizado da língua. Apesar de inicialmente não se ver como educador, ele diz ter descoberto a sua vocação para a docência durante a faculdade e hoje ele se dedica, motivando os alunos a aprender a Língua Inglesa por meio de métodos que ele considera criativos. Petter, em sua narrativa, diz valorizar o uso de recursos digitais como forma de engajar uma geração cada vez mais conectada, destacando sua abordagem prática e inovadora.

Gabriel, 24 anos, é professor das redes pública e privada de ensino e graduado na UEMASUL. Apesar de inicialmente não se interessar por inglês, ele encontrou na ludicidade das músicas em inglês o interesse para aprender o idioma. A partir desse interesse, Gabriel se dedicou ao aprendizado por conta própria, utilizando ferramentas digitais para complementar seus estudos. Como professor, é conhecido por sua abordagem centrada no engajamento dos alunos por meio de práticas como atividades interativas, que, em seu dizer, incentiva a autonomia dos alunos ao integrar diferentes tecnologias ao processo de ensino.

Marcos graduou-se em Letras pela UEMASUL em 2024 e atua como professor de inglês em uma escola de reforço. Seu interesse pela Língua Inglesa começou na infância, pelo hábito desenvolvido, como assistir a filmes e ouvir músicas em inglês. Sempre demonstrou aptidão natural para idiomas, o que o levou a explorar o ensino de Língua Inglesa como profissão. Apesar de inicialmente considerar outras áreas de atuação, ele diz ter encontrado satisfação em educar e compartilhar seu conhecimento. Marcos utiliza sua experiência pessoal com o autodidatismo para incentivar os alunos a se dedicarem ao aprendizado além da sala de aula.

As narrativas dos quatro professores entrevistados são apresentadas a seguir, destacando suas percepções e experiências de uso de aplicativos e sites gratuitos para o

aprendizado da Língua Inglesa. O primeiro tópico analisa as experiências pessoais dos docentes com o autodidatismo, enquanto o segundo aborda suas percepções sobre o uso dessas ferramentas digitais no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes.

5. “EU ESTUDAVA POR CONTA PRÓPRIA. ISSO FOI TORNANDO O APRENDIZADO ALGO ROTINEIRO”: NARRATIVA DOCENTE SOBRE O AUTODIDATISMO

A aprendizagem autônoma está se tornando uma via cada vez mais oportuna no modelo de ensino atual, impulsionada pelo uso de recursos digitais que oferecem meios acessíveis e flexíveis para os usuários. Com o surgimento da internet, os recursos digitais tornaram-se fundamentais no ensino de línguas, tanto em ambientes formais quanto informais, criando oportunidades para promover a autonomia dos aprendizes. Conforme Benson (2006), o desenvolvimento dessas tecnologias destaca a necessidade de integrar práticas que incentivem o aprendizado independente por meio da flexibilidade e acessibilidade que essas ferramentas oferecem.

O uso de tecnologias traz oportunidade para que indivíduos adaptem suas rotinas de estudo às suas necessidades, potencializando o processo de aprendizado. A este respeito, os professores entrevistados relataram experiências que demonstram diferentes abordagens para adquirir o domínio da Língua Inglesa:

“Eu comecei a estudar inglês sozinha. Eu ia em uma barraca de revistas que tinha revistas e livros ensinando a falar inglês. Eu comprava alguns e tentava aprender. Então a minha mãe percebeu o meu interesse, porque eu ficava muitas horas dentro do quarto olhando aquelas revistas, escrevendo e fazendo tradução de palavras” (Mayara, entrevista oral, 2024).

“Eu estudava muito mais em casa, estudando em casa, percebi que, com vídeos na internet e jogos, eu me envolvia bastante. Sempre gostei de vídeos — fossem pessoas falando sozinhas, dando entrevistas, fazendo apresentações em Talks Show ou até mesmo músicas. Isso sempre me chamou atenção. Eu escutava o que era dito e tentava replicar” (Gabriel, entrevista oral, 2024).

“Foi muito pelo acesso que eu tinha à TV a cabo e a livros em inglês que minhas tias me davam. Eu estudava por conta própria, escutando músicas, assistindo filmes e brincando de falar inglês com minhas irmãs mais novas. Isso foi tornando o aprendizado algo rotineiro, e hoje, consigo conversar, escrever e compreender muito bem a língua” (Marcos, entrevista oral, 2024).

A narrativa dos professores sinaliza o autodidatismo como um elemento fundamental em seus trajetos de aquisição de uma segunda língua. A dedicação independente de cada

professor e a investigação ao usar os recursos disponíveis dentro de suas realidades, apontam como os investimentos de que lançaram teriam sido determinantes no aperfeiçoamento de suas competências em Língua Inglesa.

Aflora da narrativa dos professores, a iniciativa de aprender inglês por conta própria teria sido como um dos elementos que teria contribuído em seu amadurecimento linguístico, destacando a autonomia como um pilar nesse processo.

Os docentes, pelo que emerge de suas narrativas, começaram a aprender inglês em uma época em que os recursos para essa aprendizagem não eram tão diversificados. Recursos como revistas, vídeos e jogos contribuíram não apenas para uma aprendizagem autônoma, mas também para uma aprendizagem lúdica. Há mais chances do aprendizado de uma língua tornar-se mais efetivo quando ele é associado a satisfação proporcionada por atividades lúdicas, o qual, segundo Luckesi (1998), esses recursos paradidáticos possibilitam transformações educacionais que, durante o tempo de interação, fazem o aprendiz ser o protagonista do seu próprio conhecimento e aprimoramento do aprendizado em língua inglesa.

Como Luckesi aponta no parágrafo acima, divertir-se no processo educativo é essencial para tornar a aprendizagem mais significativa e envolvente. Sua visão da realização e do prazer que podem ser obtidos com atividades lúdicas está presente nas experiências relatadas pelos professores, que identificaram materiais como revistas, livros e vídeos como uma maneira mais agradável de aprender. Esses recursos, de acordo com Luckesi, não apenas facilitaram o processo, mas também transformaram o aprendizado de inglês em uma experiência motivadora e contínua que foi além do caráter de uma simples obrigação. Além do autoestudo, outros caminhos foram percorridos pelos docentes na busca pelo aprendizado da Língua Inglesa, como os cursinhos de inglês, como sinaliza a narrativa a seguir:

“Eu já fazia um curso de inglês aqui em Imperatriz, mas não levava muito a sério. Resolvi, então, estudar de verdade, não apenas ir às aulas. Decidi participar ativamente, estudar em casa e me interessar pela cultura e pelo idioma” (Gabriel, entrevista oral, 2024).

“Só que pra mim aquilo era difícil, então minha mãe percebeu que eu precisava de um professor. Foi quando minha mãe decidiu me colocar numa escola de idiomas e tudo ficou muito melhor quando eu entrei nessa escola para aprimorar meu conhecimento” (Mayara, entrevista oral, 2024).

Os cursos de idiomas exercem diferentes papéis no percurso de aprendizagem dos docentes, atuando ora como ponto de partida, ora como aprimoramento, após a fase inicial de estudos independentes. O professor Gabriel, por exemplo, relata que: “Já fazia um curso de

inglês aqui em Imperatriz, mas não levava muito a sério”. Seu discurso traz a reflexão sobre como a motivação pessoal também é indispensável para que os cursinhos tenham seu impacto positivo nesse percurso.

Por outro lado, a partir da experiência de Mayara em seu estudo autônomo, ela percebeu suas dificuldades de aprendizado e a importância de um apoio profissional para complementar seu processo de autodidatismo. Sua mãe reconheceu que a orientação de um professor poderia também auxiliar no andamento dos seus estudos e a matriculou em uma escola de idiomas.

Sob a perspectiva do equilíbrio entre o autodidatismo e o apoio profissional, é possível observar na narrativa da docente como o apoio de um professor em uma escola de idiomas fez toda a diferença na sua aprendizagem. Em seu dizer, Mayara afirma que, em algumas problemáticas, ela não teria conseguido superar sozinha: “Para mim, aquilo era difícil e eu precisava de um professor”. A necessidade que ela diz ter sentido da assistência de um professor fortalece a ideia de que os cursos de idiomas podem também oferecer condições privilegiadas para o ensino de línguas. Sua fala se cruza com a visão ainda recorrente de que as escolas de idiomas conseguem criar um ambiente estruturado e propício para aprender, ao contrário de outros espaços educacionais. Sobre isso, Assis-Peterson e Cox destacam que:

“Na escola de idiomas, os alunos têm tempo suficiente de exposição ao insumo da língua, têm turmas homogêneas e pequenas favorecendo o atendimento individualizado e comunicativo, têm infraestrutura adequada (do quadro branco a computadores e biblioteca), têm professores capacitados, treinados e bem remunerados” (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 10).

Conforme sustentado pelas autoras, as escolas de idiomas são capazes de oferecer condições estruturais que favorecem o aprendizado múltiplo e, também, para atender a uma procura específica, como as expressadas por Mayara. A escola de idiomas não foi o ponto de partida para seu aprendizado, mas serviu como um auxílio profícuo para consolidar e direcionar seus esforços.

6. “OS RECURSOS DIGITAIS VÊM PARA AJUDAR A APRIMORAR O TRABALHO DO PROFESSOR”: PERCEPÇÕES DOCENTES NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LINGÜÍSTICAS POR MEIO DE FERRAMENTAS DIGITAIS

A tecnologia atual possibilita, de acordo com Morán (2015), uma integração

simultânea entre os ambientes físico e digital, criando um espaço híbrido e aberto para o ensino, onde as interações são constantes e profundas. Para ele, a sala de aula passa a ser um ambiente ampliado, que mescla recursos de diferentes dimensões e que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem. No que se refere à integração de recursos digitais em sala de aula, os docentes assim se manifestam:

“Eu acho que os recursos digitais vêm para ajudar a aprimorar o trabalho do professor em sala de aula, porém tudo tem que ser dosado, bem planejado e analisado” (Mayara, entrevista oral, 2024).

“Os meios digitais podem complementar 100%, mas não substituem. Eles andam de mãos dadas com o professor” (Petter, entrevista oral, 2024).

“Esses aplicativos, vídeos e sites podem complementar o que já é dado em sala de aula, trazendo experiências dinâmicas que, muitas vezes, não são possíveis de abordar apenas com o conteúdo do livro ou do cronograma” (Marcos, entrevista oral, 2024).

As perspectivas dos docentes acima chamam a atenção para um ponto central: os recursos digitais, quando utilizados de maneira cautelosa e alinhada às estratégias pedagógicas, fomentam o ensino sem substituir a função do educador. Dessa forma, o professor continua sendo o mediador indispensável para explicar os conteúdos, assim adaptando o uso das tecnologias às necessidades específicas de cada turma.

O aprendizado de uma língua estrangeira envolve a prática ajustada das quatro habilidades fundamentais: *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*. Essas habilidades não funcionam de forma isolada, mas estão conectadas. Chagas (1957, apud Leffa, 2003), ao se referir às quatro habilidades, pontua que “Há uma interdependência tão íntima dos quatro aspectos instrumentais do ensino dos idiomas - ouvir, falar, ler e escrever - que nenhum deles poderá ser atingido isoladamente, sem que se dê justo relevo aos demais”.

Ao implementar as ferramentas digitais no aprendizado, o usuário consegue personalizar sua abordagem, focando ora em uma habilidade específica, ora trabalhando de forma integrada com algumas ou todas elas.

Embora elas estejam interligadas e se complementem, é possível direcionar o uso dessas ferramentas para o desenvolvimento isolado de uma habilidade, conforme os objetivos do aprendiz. No contexto de cada uso, os professores entrevistados apontaram como diferentes ferramentas têm contribuído para o desenvolvimento integrado:

O Duolingo é excelente para desenvolver a base do idioma, especialmente no que diz respeito ao speaking, listening e writing. Ele trabalha a pronúncia e a escuta, pois você precisa ouvir as frases para replicá-las (Gabriel, entrevista oral, 2024).

“Eu gosto muito de usar o Duolingo com os meus alunos, por conta da repetição e da facilidade que o aluno tem na correção, na memorização e na aquisição de palavras novas” (Mayara, entrevista oral, 2024).

“O *Elsa Speak* é uma ferramenta muito interessante para quem quer treinar pronúncia, principalmente para quem tem dificuldade em identificar entonações específicas. Já usei por alguns meses pra conhecer e talvez indicar par aluno particular, como um complemento e achei o retorno bem direto” (Mayara, entrevista oral, 2024).

O Free for Talk é uma plataforma interessante, é grátis, dá para conversar em inglês com diferentes pessoas, com diferentes sotaques (Marcos, entrevista oral, 2024).

Os dizeres dos professores trazem diferentes pontos de vista sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de inglês, cada um deles enfocando partes específicas do processo de aprendizado. Gabriel e Mayara destacam que o *Duolingo* é uma ferramenta útil para se familiarizar com os conceitos básicos de um idioma, usando a repetição e a correção automática para ajudá-lo a aprender novas palavras e melhorar a fala, a audição e a escrita. Essa abordagem segue os princípios da aprendizagem cognitiva, que, de acordo com Ramos (2024, p. 4), a cognição envolve os processos mentais responsáveis pela obtenção e compreensão de informações por meio dos sentidos, experiências e reflexões. Promover o aprendizado cognitivo favorece a retenção duradoura dos conteúdos assimilados.

O *Elsa Speak*, conforme descrito por Mayara, concentra-se na prática da pronúncia e da entonação, o que é muito importante para alunos com dificuldades específicas de fala. O *Free for Talk*, mencionado por Marcos, é semelhante, pois incentiva os alunos a falar com falantes de diferentes sotaques, o que os ajuda a aprender com mais rapidez e facilidade.

Ir além da prática rotineira requer estratégias que possibilitem lidar com as variações linguísticas presentes na comunicação.

Nesse sentido, Vandergrift (2011, *apud* LÓPEZ; MOURA; DELGADO, 2020, p. 3) ressalta que a compreensão oral é uma habilidade cognitiva particularmente complexa, pois exige que os ouvintes processem simultaneamente novas informações auditivas em um ritmo controlado pelo falante, além de lidarem com variações fonológicas, como pronúncia, entonação e sotaque. Expor-se de forma constante a diferentes padrões de fala, como ilustrado no uso de plataformas como o *Free for Talk*, desenvolve ainda mais as habilidades auditivas. No entanto, para Gabriel, a experiência de transitar entre variações do som do idioma foi desafiadora, mas também enriquecedora:

“No curso que fiz, era majoritariamente focado no inglês americano. Quando entrei em contato com o inglês britânico, parecia outro mundo. Minha primeira reação foi pensar: “Meu Deus, e agora? Como vou entender isso? Eu não estudei esse inglês.” Foi então que percebi que, apesar de ser o mesmo idioma, há diferenças significativas. O BBC Learning English ampliou minha visão sobre o inglês, me ajudando a entender essas variações e me proporcionando uma perspectiva mais global sobre o idioma” (Gabriel, entrevista oral, 2024).

O enfrentamento inicial com as variações do idioma despertou no docente a necessidade de melhorar sua compreensão. Nesse processo, a plataforma *BBC Learning English* desempenhou a ele esse suporte, além de oferecer uma visão global sobre o inglês. Além disso, Gabriel menciona outra plataforma que trabalha a mesma habilidade:

“Outro subsídio que utilizo e recomendo é o Forvo. Trata-se de um site de pronúncia feito com gravações de pessoas reais, não computadorizadas. Ele permite ouvir palavras pronunciadas por diferentes pessoas, como uma mulher britânica, um homem da Nova Zelândia, ou até alguém de outros lugares do mundo. Isso proporciona uma diversidade de pronúncias” (Gabriel, entrevista oral, 2024).

A variação de pronúncias e sotaques mencionadas por Gabriel, no uso da plataforma *Forvo*, evidencia a possibilidade para usuários ampliarem sua compreensão auditiva que esta ferramenta oferece. A atividade está alinhada com o que Rost (2011, p. 161, tradução nossa) caracteriza a respeito do desenvolvimento do *listening*. Para ele, essa habilidade é apurada sobretudo pela atenção ao conteúdo recebido e pela participação em interações intencionais. Embora formas indiretas também possam contribuir, segundo Rost, os maiores avanços na compreensão auditiva ocorrem por meio do acesso a informações contextualizadas e pela participação ativa em interações significativas. O uso do *Forvo* enriquece o aprendizado da pronúncia e oferece aos usuários uma prática auditiva abrangente e alinhada a diferentes esferas linguísticas.

Seguindo ainda a mesma perspectiva do uso de ferramentas digitais baseadas em materiais autênticos e contextualizados, a seguir o relato do docente ressalta outra ferramenta digital que auxiliou no *listening* em suas práticas docentes:

Usei o *TubeQuizard* no começo da minha profissão como professor, quando eu buscava ferramentas para deixarem minhas aulas mais dinâmicas e achei excelente para desenvolver o *listening* dos meus alunos com vídeos reais. (Gabriel, entrevista oral, 2024).

Pelo que emerge da narrativa do docente, as ferramentas digitais conseguem ir além de um suporte tradicional, pois oferecem aos alunos uma prática mais dinâmica e contextualizada. Isso significa que, ao invés de apresentarem apenas conteúdos genéricos ou descontextualizados, os recursos em questão baseiam-se em materiais autênticos, incluindo, entre outros, trechos de conversas, entrevistas reais e vídeos retirados de situações cotidianas. A utilização de tais materiais permite que os alunos vivenciem o uso do idioma em contextos naturais.

Para a habilidade de *listening*, é indispensável considerar o desenvolvimento das competências de reading e writing no ensino de Língua Inglesa. No que diz respeito à valia da leitura como um componente transformador no processo de aprendizagem, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

“[...] a aprendizagem de leitura em língua estrangeira pode contribuir para o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem uma função primordial na escola, e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna” (BRASIL, 1998, p. 20).

O desenvolvimento integral do letramento simboliza que a leitura em uma língua estrangeira vai além da simples decifração de palavras. Trata-se de uma prática que pode transformar a relação do aluno com o aprendizado de idiomas. Nesse sentido, ferramentas como o *Falou* apresentam grande força para potencializar o desenvolvimento do *reading* também de forma dinâmica e completa. Segundo o professor Petter (2024, entrevista oral), a proposta *Falou* do é semelhante à do *Duolingo*, oferecendo lições integradas que abrangem *listening*, *speaking*, *writing* e *reading*.

Essa integração de propostas, como as lições que combinam *listening*, *speaking*, *writing* e *reading*, pode ser um meio útil e complementar ao ensino, conectando as ideias dos PCNs com atividades práticas que atendem às necessidades do ensino atual, como: o desenvolvimento de habilidades da Língua Inglesa, a personalização do aprendizado, o acesso

a materiais estimulantes, o engajamento dos alunos e a preparação para um mundo globalizado.

No contexto de um mundo cada vez mais conectado, a aprendizagem da Língua Inglesa também vai além do domínio técnico do idioma, gerando a necessidade de que professores e alunos estejam predispostos a fazer uso das inovações tecnológicas. Como o docente destaca:

Essas ferramentas vieram para ficar, e se não soubermos nos adaptar a elas, a gente vai ficar pra trás. Temos que saber usar da melhor maneira, porque futuramente não vai ser algo opcional. (Gabriel, 2024, entrevista oral).

O relato do professor Gabriel sinaliza como é importante que professores e alunos assumam o controle das novas tecnologias. Não se trata apenas de aceitar essas mudanças, mas de entender que saber como usar bem essas ferramentas será fundamental para fazer grandes progressos no aprendizado da Língua Inglesa.

Ao agregá-las no processo de aprendizado, as ferramentas digitais podem oferecer avanços metodológicos significativos, como a personalização das práticas dentro e fora das salas de aula e o encorajamento à autonomia, proporcionando interações mais dinâmicas com o idioma. Assim, longe de serem recursos auxiliares limitados, elas se integram ao ensino como ferramentas hoje indispensáveis para acompanhar as premissas educacionais atuais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discorreu sobre como aplicativos e sites gratuitos contribuem para o desenvolvimento da autonomia no aprendizado da Língua Inglesa. A pesquisa se concentrou nas experiências dos professores entrevistados e nas funcionalidades das ferramentas digitais, destacando o papel central dessas tecnologias na promoção de um aprendizado mais flexível e personalizado.

A pesquisa mostrou que plataformas como *Duolingo*, *Elsa Speak* e *BBC Learning English* oferecem um ambiente favorável para o desenvolvimento de diferentes habilidades linguísticas, quando utilizadas com estratégias. Por meio das entrevistas e análises de trechos de entrevistas orais com docentes da Língua Inglesa, constatou-se que esses recursos, quando usados de forma autônoma, aprimoram a aquisição do idioma, permitindo que os alunos personalizem seu ritmo de aprendizagem de inglês e suas estratégias de estudo, assim como aconteceu no processo de aprendizagem dos professores entrevistados, que atualmente fazem

uso de algumas dessas ferramentas em sala de aula.

O estudo também apontou a relevância da aprendizagem autônoma em contextos em que o acesso a cursos formais é limitado, demonstrando que as tecnologias digitais podem atuar como ferramentas de inclusão educacional. Assim, é possível afirmar que essas ferramentas não apenas complementam o ensino formal, mas também promovem um aprendizado mais ativo e independente.

REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; COX, Maria Inês Pagliarini. **Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal**. Calidoscópio, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-14, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5715/571561894004.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2024.

BENSON, P. **Autonomy in language learning**. 2006. Disponível em: http://www.asahi-net.or.jp/~gj7h-andr/asia2006/autonomous_learning.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC/SEB, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

D'ANDREA, G. **Autodidatismo: Temas Para Grupos – Número 1**. Ribeirão Preto: s.n., 2015.

FINARDI, Kyria Rebecca; PORCINO, Maria Carolina. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Revista Interfaces da Educação**, v. 5, n. 14, p. 94-116, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/nJqphLP8s4hp4zBLsTWrPLc/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 ago. 2024.

KOBAYASHI, Eliana; ZAMPINI, Eugenio de Felipe. Multiletramentos e autonomia: um estudo de caso no ensino de língua inglesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 457-474, 2020.

LANDIM, Daniel Rodrigues Paes. EAD, autonomia e tecnologia: desafios e possibilidades no aprendizado de língua inglesa. **Revista Interfaces da Educação**, v. 5, n. 15, p. 123-141, 2019.

LEFFA, V. J. **Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas**. In: NICOLAIDES, Christine; MOZZILLO, Isabella; PACHALSKI, Lia; MACHADO, Maristela; FERNANDES, Vera (Org.). O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras. Pelotas: UFPEL, 2003. p. 33-49.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras: passado, presente e futuro**. 2016. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/lingua_estrangeira_leffa.pdf. Acesso

em: 5 jan. 2025.

LÓPEZ, Carlos Alberto Manso; MOURA, Sergio Arruda de; DELGADO, Alfredo Camacho. A aprendizagem das habilidades auditivas: um meio e um fim na aquisição de línguas estrangeiras. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 64, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/Wxfvv984JRHDyyB3YNycYRw/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LUCKESI, C. C. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. Cadernos de Pesquisa – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, v. 2, n. 1, p. 09-25, 1998.

MARZARI, G. Q.; KADER, Y. N. A. M. **Autonomia do aprendiz na aprendizagem de segunda língua**. Thaumazein, v. 8, n. 14, p. 121-128, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 19 dez. 2024.

MORÁN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativas**. São Paulo, 2015. Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

OLIVEIRA, Gabriela Rodrigues Nobre de. **Tecnologias digitais no ensino de línguas: desafios e possibilidades no desenvolvimento da autonomia do aprendiz**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27840/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado_Gabriela%20Rodrigues%20Nobre%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, Aylla Carvalho de; SILVA, Nádia Cibele Alves da. O autodidatismo como método de aprendizagem da Língua Inglesa para alunos do curso de Licenciatura em Letras Inglês. **Revista Portuguesa Interdisciplinar**, v. 3, n. 2, p. 78-100, ago./dez. 2022. Disponível em <http://www.veramenezes.com/ensino.htm>. Acesso em: 11 de ago de 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras**. In: FILGUEIRA, Joana Passos (Org.). Abordagens comunicativas e o ensino de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 1-18.

PAIVA, V.L.M.O. **A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa**. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: UnB, 2003. p.53- 84. Disponível em <http://www.veramenezes.com/ensino.htm>. Acesso em: 11 de ago de 2024.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; SILVA, G. O inglês na educação básica brasileira: sabemos sobre ontem; e quanto ao amanhã?. **Ensino & Tecnologia em Revista**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/7500>. Acesso em: 24 ago. 2024.

RAMOS, Andrews Barcellos. Aplicação da análise cognitiva na aprendizagem. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 53, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/219/458>. Acesso em: 3 fev. 2025.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 11, p. 65-69, 2006.

ROST, Michael. **Teaching and researching listening**. Harlow: Pearson Education, 2011.

SANTOS, A. F. dos; MENEZES, L. G. **Recurso educacional digital como auxiliar no ensino e aprendizagem escolar**. 1. ed. São Paulo: Observatório Latino-Americano, 2023. Disponível em: <https://observatoriolatinoamericano.com/wp-content/uploads/2023/12/Recurso-educacional-digital-como-auxiliar-no-ensino-e-aprendizagem-escolar-1%C2%B0-Edicao-finalizado.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

SELWYN, Neil. **O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, p. 815-850, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nYFkRnh3SLHWGLbTYQ7bVLf/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SILVA, Millena Barbosa Bueno da. **Língua inglesa como principal língua estrangeira ensinada no Brasil**. 2020. 35p. Monografia (TCC) – Curso de Pedagogia, Bragança Paulista, 2020.

APÊNDICE

Entrevista: Gabriel Alves da Silva

Bloco 1: Informações pessoais e perfil docente

- 1. Eu gostaria que você se apresentasse falando para mim seu nome, idade e outras informações pessoais que você queira compartilhar.**

Eu chamo Gabriel Alves da Silva, tenho vinte e quatro anos e sou graduado pela Universidade Estadual da região Tocantina do Maranhão - UEMASUL.

Atualmente sou professor da rede pública de ensino no município de Açailândia e também da rede privada de ensino de Imperatriz.

- 2. Fale um pouco sobre o seu interesse pela Língua Inglesa. Como surgiu o seu interesse por esta língua? E sobre se tornar professor de inglês? Estou curiosa para**

saber como esta ideia foi se construindo. Poderia falar um pouco disso?

É um pouco interessante essa história de como surgiu o meu interesse pela Língua Inglesa. Na época dos estudos no ensino fundamental, eu era um dos piores alunos. Em Inglês, eu só tirava sete porque havia aquela ideia de que a disciplina não podia reprovar. Eu tirava sete, oito, mas nunca fui um aluno realmente interessado em aprender.

Até que um dia, em uma brincadeira com colegas, a gente estava cantando uma música em inglês e eu percebi que era o único que não sabia cantar uma música da Beyoncé, que estava em alta na época. Aquilo me deu uma ideia, porque eu já fazia um curso de inglês aqui em Imperatriz, mas não levava muito a sério. Resolvi, então, estudar de verdade, não apenas ir às aulas. Decidi participar ativamente, estudar em casa e me interessar pela cultura e pelo idioma.

Foi basicamente isso. Eu fui me encontrando dentro da língua, porque comecei a conhecer um pouco da cultura, principalmente a dos Estados Unidos e da Nova Zelândia. Na Nova Zelândia, inclusive, conheci uma cantora que me fez gostar ainda mais do idioma. A partir dela, fui adentrando nesse mundo da Língua Inglesa. Passei a cantar as músicas, não só para cantar, mas para entender o que estava cantando.

Quanto a ser professor de inglês, isso foi um processo mais profundo. Primeiro, tive esse momento de querer aprender o idioma. Depois que terminei o curso de idiomas, entrei no ensino médio no IFMA, mas cursei uma área de exatas - Eletromecânica, que não tinha nada a ver com inglês. Como não me saí bem nas exatas, procurei uma forma de fazer algo que eu realmente gostava, que era o inglês.

Entre na monitoria de Língua Portuguesa, e, por meio dela, comecei a construir a imagem de professor. Trabalhar com a EJA no próprio IFMA foi um divisor de águas na minha vida. A professora que me acompanhou, minha orientadora na época e hoje professora da rede municipal de Imperatriz, me incentivou muito a seguir meu sonho. Foi por recomendação dela que entrei na graduação. Ela me falou que eu deveria tentar essa área, e assim foi.

3. Como se deu sua experiência com o aprendizado da Língua Inglesa? E sobre o autoaprendizado? Fale sobre suas experiências de aprender inglês por conta própria sem a ajuda de um professor.

A minha experiência com o aprendizado de inglês é bem interessante, porque eu sempre gostei de prestar atenção em como se fala o idioma, seja português, inglês ou qualquer outro. Eu gosto muito de perceber a forma como as pessoas se expressam e pronunciam determinadas palavras. Então, prestava muita atenção nos lábios e na boca de quem estava falando.

Eu estava em um cursinho, que foi como um complemento, porque eu estudava muito mais em casa, mas estudando em casa, percebi que, com vídeos na internet e jogos, eu me envolvia bastante. Sempre gostei de vídeos — fossem pessoas falando sozinhas, dando entrevistas, fazendo apresentações em Talks, ou até mesmo músicas. Isso sempre me chamou atenção. Eu escutava o que era dito e tentava replicar.

Eu ficava curioso sobre por que uma palavra era usada em vez de outra e ia pesquisar. Também questionava o uso de tempos verbais em determinadas estruturas. Assim, fui construindo meu aprendizado.

- 4. Vamos conversar um pouco sobre aprendizagem e tecnologias. Conte para mim sobre os recursos digitais (como aplicativos ou sites) que você utiliza no seu dia a dia para aprimorar seu conhecimento de Inglês.**

Na época, em 2015, utilizei muito o YouTube, assistindo palestras - mesmo que não gostasse -, assistia aulas de outros professores ensinando, além de entrevistas de cantores que eu admirava. Procurava algo interessante que eles tivessem dito para aprender tanto o idioma quanto mais sobre a vida deles.

Lembro que, na época do IFMA, me deparei com os verbos irregulares. Fiquei completamente perdido, pensando em como aprender aquela lista enorme. Baixei um aplicativo, que não sei se ainda existe, mas era voltado para treinar por repetição. Foi assim que aprendi a maioria dos verbos irregulares. Durante os intervalos, pegava o celular e repetia umas dez palavras por vez. Com o tempo, percebi que já estava mais acostumado com aquilo.

Acredito que tanto a tecnologia de vídeos e o audiovisual no YouTube, quanto aplicativos e jogos educativos, me ajudaram bastante. Também usei meu celular como ferramenta. Na época, mudei o idioma do aparelho para o inglês, o que me fez decorar funções e configurações no idioma. Por exemplo, "configurações" se tornava "settings". Então, fui aprendendo como dizer cada coisa em inglês, e isso contribuiu muito para o meu aprendizado.

Bloco 2: Utilização de ferramentas digitais no ensino de Inglês

- 1. Sobre aplicativos e sites que auxiliam no aprendizado da Língua Inglesa, sabe-se que existe uma variedade de opções, como *Duolingo*, *Falou*, *Elsa Speak*, *News In Levels*, *BBC Learning english*, *TubeQuizard* e *Free for talk*. Desse modo, eu gostaria de saber quais desses aplicativos e sites você teve contato e qual a sua análise sobre a metodologia deles?**

Ah, essa questão é muito interessante, porque estamos falando dos sites e das opções de aplicativos. Eu lembrei de um que não recordava ter utilizado. Claro, usei o Duolingo por muito tempo, especialmente no início, para ter uma base de estrutura e tudo mais. E, falando das opções que você listou, lembro que também utilizei bastante o BBC Learning English.

Gostava muito dele, principalmente por causa do áudio, já que sempre tive dificuldade com essa habilidade. O que eu mais apreciava era o fato de virem acompanhados de scripts.

Assim, no começo, conseguia acompanhar melhor e utilizava ambos para assimilar o conteúdo. Desses dois que você mencionou, eu realmente gosto muito e sempre os recomendo para os meus alunos quando me perguntam algo.

O Duolingo, em especial, tem uma gamificação muito interessante. Você pode acompanhar seu progresso, passar de etapas e conquistar metas, o que estimula o aprendizado como se fosse um jogo. Ele trabalha competências, habilidades e estrutura da língua de forma bastante interativa. Apesar disso, vejo uma limitação nele: ele não permite uma interação direta com outra pessoa real, o que seria interessante.

Mesmo assim, o Duolingo é excelente para desenvolver a base do idioma, especialmente no que diz respeito ao speaking, listening e writing. Ele trabalha a pronúncia e a escuta, pois você precisa ouvir as frases para replicá-las. Quanto ao BBC Learning English, eu sempre esqueço de mencioná-lo para meus alunos, mas gosto muito dele, porque, pessoalmente, foi de grande valia. Ele me ajudou bastante a desenvolver meu listening, além de me expor a diferentes tipos de inglês e suas pronúncias.

Por exemplo, no curso que fiz, era majoritariamente focado no inglês americano. Quando entrei em contato com o inglês britânico, parecia outro mundo. Minha primeira reação foi pensar: "Meu Deus, e agora? Como vou entender isso? Eu não estudei esse inglês." Foi então que percebi que, apesar de ser o mesmo idioma, há diferenças significativas.

O BBC Learning English ampliou minha visão sobre o inglês, me ajudando a entender essas variações e me proporcionando uma perspectiva mais global sobre o idioma.

Sobre os outros, eu já vi alunos usando o Falou, e o foco em frases úteis é algo positivo. Para quem quer aprender algo prático em pouco tempo, é uma boa escolha.

O Elsa Speak eu não conhecia, mas ele parece útil para ter alguém com quem conversar, mesmo que seja uma "máquina" e bom até mesmo pra melhorar a pronúncia.

Já recomendei o News In Levels para alguns amigos que estavam começando a aprender Inglês por conta própria. Ele é muito bom para listening e reading.

Usei o TubeQuizard no começo da minha profissão como professor, quando eu buscava ferramentas para deixarem minhas aulas mais dinâmicas, e achei excelente para desenvolver o listening dos meus alunos com vídeos reais. Pode ser uma boa opção para tarefas de casa também.

Não utilizo o Free for talk nas minhas aulas, não sei como eu poderia fazer isso. Mas vejo que pode ser útil para alunos interessados em praticar conversação.

- 2. Os recursos digitais são um complemento enriquecedor de ensino fora e dentro da sala de aula. Sabendo disso, fale um pouco sobre outros recursos você já utilizou em sala para ensinar inglês e como os alunos se sentiram ao ter esse contato com esses recursos?**

Eu gosto muito dessa pergunta sobre outros recursos digitais, porque recomendo vários aos meus alunos, dois aplicativos que ainda utilizo são voltados para a questão do vocabulário. Sempre digo para eles evitarem ao máximo tradutores básicos, como o do Google. Apesar de estarem mais desenvolvidos hoje em dia, esses tradutores ainda não oferecem todas as perspectivas de uma palavra e seus usos.

Por isso, recomendo o Linguee, porque ele oferece uma ampla gama de exemplos. O interessante é que, ao pesquisar uma palavra, ele sugere outras com o mesmo sentido, contextualizando a tradução. Esse recurso é extremamente útil, e sempre o indico aos meus alunos.

Outro subsídio que utilizo e recomendo é o Forvo. Trata-se de um site de pronúncia feito com gravações de pessoas reais, não computadorizadas. Ele permite ouvir palavras pronunciadas por diferentes pessoas, como uma mulher britânica, um homem da Nova Zelândia, ou até alguém de outros lugares do mundo. Isso proporciona uma diversidade de pronúncias.

Eu sempre digo: vivam o inglês em suas diversas formas. Não fiquem presos apenas ao inglês americano, que é o mais comum. Pensem no inglês do Canadá, na Europa, na Oceania, no continente africano, e até mesmo no inglês que já estamos desenvolvendo no Brasil.

Além disso, dentro da sala de aula, gosto de trabalhar com o kahoot, por causa da estrutura da língua e repetição, porque sei que é uma estratégia necessária. Os alunos precisam treinar suas mentes para incorporar o idioma de forma consistente.

- 3. Caso você não utilize esses recursos em suas aulas, estou curiosa para saber, há algum motivo específico? Existem barreiras que o impede de adotá-los?**

Não foi necessário responder.

4. De acordo com a sua experiência, quais seriam as vantagens e também desvantagens no uso desses recursos no processo de ensino de inglês?

Eu acredito que a principal vantagem dos aplicativos é que, se você souber utilizá-los, pode desenvolver bastante suas habilidades. No entanto, isso também revela uma desvantagem: se você não souber usá-los corretamente, pode acabar se acostumando a depender exclusivamente deles. Por exemplo, lembro daquele aplicativo que usei para aprender os verbos irregulares. Imagine uma situação real, como uma prova de proficiência. Esse aplicativo não estaria disponível no meio da avaliação, certo?

Na época, tive a consciência de pensar no futuro. Decidi que não poderia depender daquele recurso para sempre. Então, tentei extrair o máximo possível dele, compreendendo o conteúdo, mas também me preparando com atividades fora do aplicativo. Era como se eu já estivesse treinando para uma situação real, sem a ajuda tecnológica.

Acredito que, ao mesmo tempo em que os aplicativos oferecem vantagens, eles também podem trazer desvantagens. Vejo muitos alunos se tornando dependentes de tradutores, por exemplo. Hoje, há tradutores que permitem tirar uma foto e traduzir automaticamente. É uma tecnologia incrível, e, como aluno, eu certamente teria usado se existisse naquela época.

No entanto, temo que muitos fiquem acomodados a esse tipo de ferramenta, deixando de enxergar o mundo real, onde o erro faz parte do aprendizado. Há uma ideia errada de que, ao utilizar esses recursos, não se pode errar. Mas o erro é permitido e até necessário no processo de aprendizado.

A principal desvantagem que vejo é essa: os recursos estão nos acostumando a acreditar que é impossível errar ao usá-los. Isso cria uma dependência. Quando o recurso falta, a pessoa pode se sentir incapaz para aquela situação, sem saber como lidar sem o auxílio tecnológico.

5. Segundo sua perspectiva como professor(a), o que é preciso ser feito para que os professores se sintam motivados a adotar essas ferramentas em sala de aula?

Eu acho que, para essa pergunta, falando agora com a visão de professora, uma das principais dificuldades que enfrento, principalmente no município, é a falta de estrutura e retorno. Estamos em um momento de transição, entre um pós-mundo digital e um mundo digital consolidado. No entanto, vejo que a maior dificuldade que os professores enfrentam

para utilizar esses recursos é não obter um retorno efetivo.

Quando você chega para uma aula, muitas vezes não há um local com internet acessível. Essa é a realidade do ensino público. Não há uma internet de qualidade, e nem todos os alunos têm acesso a um celular capaz de rodar os aplicativos. Além disso, há o desinteresse por parte dos alunos em utilizar esses recursos. Por exemplo, eles não querem baixar um aplicativo como o Duolingo para treinar, porque esperam resultados rápidos e imediatos.

Outro exemplo é o Kahoot. Alguns alunos querem apenas brincadeiras no aplicativo, sem conteúdos. Isso torna complicado trabalhar com essa ferramenta.

Eu, como professora, acredito que esses recursos podem funcionar, mas já me senti desmotivada em algumas situações. Por exemplo, quando peço para a turma fazer um Bamboozle ou um Kahoot, alguns dizem: "Tio, isso de novo?". Então "vamos jogar um Word wall?", envio o link de uma atividade, e, de 30 alunos, apenas cinco ou três respondem.

Nessas horas, fico insistindo: "Gente, façam a atividade, interajam!" Mas isso torna o processo desgastante. Acredito que para mudar isso é dar estrutura para o professor. Não podemos cobrar que os alunos utilizem esses recursos se não oferecemos a eles as condições adequadas.

Também acho complicado cobrar do professor sem fornecer a ele os subsídios necessários. Precisamos pensar, primeiro, em melhorar a estrutura, para que tanto os professores quanto os alunos tenham os recursos básicos para trabalhar e aprender.

Bloco 3: Impacto do autodidatismo no aprendizado

- 1. Estou curiosa para saber suas reflexões sobre independencia dos alunos no estudo de inglês. Em que medida você acredita que esses meios digitais poderiam complementar o ensino da língua? Comente como essas plataformas podem se integrar ao ensino formal e oferecer suporte adicional aos alunos.**

Essa pergunta é muito boa para se refletir. Eu sempre digo aos meus alunos que não quero que eles fiquem dependentes de mim. Sempre falo: "Gente, eu estou aqui, mas sou apenas um meio para vocês alcançarem seus objetivos, porque vocês não vão estar comigo o tempo todo".

Costumo orientá-los a utilizar os recursos para benefício próprio, pensando em como se virar sem depender apenas das ferramentas digitais. Por exemplo, menciono o tradutor:

"Imagina que seu celular descarregou. Como você vai traduzir?" Sempre os incentivo a considerar a realidade além do digital.

Afinal, se no passado alguém conseguiu aprender inglês sem recursos tecnológicos, nós também conseguimos.

É claro que os meios digitais nos facilitam muito. Não podemos negar que eles podem acelerar processos que levariam dez anos para serem concluídos, reduzindo esse tempo para cinco ou até dois anos, dependendo da pessoa. Acredito que esses recursos complementam o ensino formal da língua dentro da sala de aula.

Algo que gosto muito de enfatizar é que muitas vezes aprendemos sem querer aprender. Por exemplo, ao assistir um vídeo curto no TikTok, no YouTube Shorts ou no Instagram, você está tendo contato com o idioma, mesmo que não seja sua intenção aprender. Se você segue um influencer, um cantor ou cantora, está absorvendo a língua de forma natural, sem perceber.

Vejo isso como um suporte adicional muito interessante para os alunos. No entanto, é importante que os meios digitais não impeçam o desenvolvimento da independência deles. Acredito que os alunos precisam entender a importância de também crescerem de forma independente, sem depender exclusivamente do digital.

2. Quais comportamentos ou mudanças você nota em alunos que fazem uso dessas ferramentas de forma independente?

Eu tenho um exemplo de um aluno que chega para mim toda aula, animado, e diz: "Professor, professor, estou a cento e oitenta dias no Duolingo!" Ele sempre me conta o progresso dele. Como professor, eu respondo: "Nossa, que legal! Continue assim." Não exatamente com essa mesma animação, mas o incentivo.

Eu percebo que, sem motivação, a gente não chega a lugar nenhum — seja professor ou aluno. Nesse caso, vejo que ele se desenvolve muito melhor do que outros alunos que dependem exclusivamente do material ou do professor para traduzir ou entender algo. É claro que ele ainda está no nível básico, mas caminha com mais facilidade para o nível intermediário do que outros.

Uma vez, uma aluna me questionou: "Professor, se eu já tenho o livro, por que preciso estudar em casa? A gente já tem aula aqui." Então, expliquei: "Olha, nós temos uma ou duas horas de aula por semana, e não dá tempo de ver tudo ou completar todo o conteúdo. Por isso, o livro é um suplemento, um suporte, que vai te ajudar a entender melhor o mundo lá fora. Eu

não consigo abarcar tudo na sala de aula."

A principal mudança que observo é na mentalidade, na autopercepção do aluno em relação ao mundo. Esse aluno que se dedica, que usa os aplicativos e ferramentas como complemento, tende a compreender mais facilmente essa visão pluralizada do mundo.

Ele também se desenvolve melhor nas relações humanas do que alguém que ainda não deu a devida importância ao estudo fora da sala de aula.

Essas mudanças são perceptíveis nos alunos que utilizam as ferramentas por conta própria, sem que o professor, "passe como atividade"

3. Que estratégias você sugere para que os alunos desenvolvam a autodisciplina e aproveitem essas ferramentas fora do ambiente escolar? Gostaria de saber como você orienta seus alunos nesse sentido.

Eu sempre priorizo que os meus alunos entendam um mundo além da sala de aula. Digo a eles: "Gente, nossa disciplina infelizmente tem apenas cinquenta minutos ou, no máximo, uma hora de aula". Em algumas turmas, tenho aula uma vez na semana, em outras, duas, mas ainda é muito pouco. Não dá para compreender tudo.

Às vezes, vivemos em um mundo sistemático que prioriza o retorno e a conclusão de tarefas. Tenho material para desenvolver e atividades para concluir com eles. Então, algumas coisas acabam sendo atropeladas. Algo que eu gostaria de trabalhar não é possível, porque preciso cumprir o cronograma, corrigir atividades ou preparar avaliações. Esse sistema mais rígido acaba nos prendendo um pouco.

Sempre digo para eles: "Tentem continuar em casa. Mesmo que vocês não passem o dia todo, como doze ou vinte e quatro horas, com o aplicativo na mão ou assistindo a vídeos, o esforço faz diferença". Eu, por exemplo, conversava sozinho em inglês porque não tinha ninguém para praticar. Na minha família, sou o único que fala inglês.

Não recomendo para eles sites de conversação com pessoas estranhas na internet, porque não acho seguro. Então, sugiro: "Enquanto vocês estão se desenvolvendo, conversem consigo mesmos. A gente sempre conversa com a gente mentalmente, certo? Então, que tal fazer isso em inglês? Esforce-se consigo mesmo."

Outra estratégia que sempre recomendo, e que funcionou muito bem para mim, é manter contato constante com o inglês. Aqui no Brasil, e especialmente em Imperatriz, o contato com o inglês fora da sala de aula é mínimo. Tudo ao nosso redor — nomes de lojas, propagandas, textos, livros — está em português. A gente acaba aprendendo português sem

nem perceber.

Por isso, digo a eles: "Mantenham contato com o inglês todos os dias. Pode ser com uma música, um vídeo, um podcast, ou pelo menos meia hora ouvindo alguém falar em inglês. Assistam a um filme, mesmo que vocês digam: 'Professor, eu não entendo nada.' Claro que no início vocês não vão entender, mas é preciso se esforçar. Saiam dessa ideia de que inglês é impossível de aprender."

Explico que, embora algumas pessoas tenham mais facilidade para aprender idiomas, isso não significa que seja impossível. Sempre os incentivo: "Procurem estratégias que funcionem para vocês. Se gostam de música, ouçam músicas em inglês, procurem um cantor de quem gostem. Se gostam de livros, leiam livros, poemas em inglês. Tudo é estratégia, e tudo é válido".

4. Olhando para o futuro, qual é a sua visão sobre o impacto das ferramentas digitais no ensino de Inglês? Como você vê essas tecnologias transformando o processo de ensino e o desenvolvimento de alunos mais autônomos?

Eu vejo que, pensando no futuro, fico ao mesmo tempo preocupado e aliviado. Sei que o professor nunca será substituído pelas ferramentas digitais ou inteligências artificiais, porque nada supera o contato direto entre professor e aluno. Isso é óbvio. Porém, percebo que teremos alunos mais independentes, desenvolvidos e autônomos em relação à realidade escolar.

Por outro lado, também teremos alunos dependentes dessas ferramentas digitais. O ensino mais simples, com o avanço das tecnologias de inteligência artificial, pode acabar sendo subestimado. Eu mesmo utilizo essas tecnologias para criar questões, frases e outros materiais. Claro que tenho uma noção maior de maturidade e sei que é necessário revisar tudo antes de passar adiante, porque esses sistemas estão sujeitos a erros.

O problema é que muitos alunos não têm essa noção. Já vi alunos respondendo atividades apenas copiando respostas geradas por ferramentas como o ChatGPT e Brainly in. Isso às vezes é válido em alguns casos, mas nem sempre se aplica ao contexto real, onde o contato direto com alguém é essencial.

Ao mesmo tempo em que essas tecnologias promovem avanços incríveis na educação, corremos o risco de formar pessoas dependentes delas. Caso essas ferramentas um dia não estejam disponíveis, essas pessoas podem não saber lidar com a situação. A falta de maturidade para discernir o certo do errado, ou mesmo para utilizar adequadamente as

informações obtidas, pode levar ao simples ato de replicar conteúdos sem realmente compreendê-los.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu Lorrany Karoline Nascimento Sousa,
discente do curso de Letras Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas da
UEMASUL, declaro para os devidos fins, que o trabalho de finalização de curso
intitulado Autodidatismo e as tecnologias digitais: uma análise
de aplicativos e sites gratuitos para o autoaprendizado
da Língua Inglesa,
foi devidamente passado no sistema anti-plágio pelo orientador(a) do trabalho
profª Drª Edna Sousa Cruz

que se responsabiliza e assegura que com exceção das citações devidamente
indicadas e referenciadas, este trabalho foi escrito pelo autor supracitado, e portanto
não contém plágio.

Estou ciente das penalidades que poderão ser acarretadas, inclusive os processos
administrativos e as sanções legais caso tenha sido feito utilização de materiais de
terceiros sem serem referenciados, situação essa que se configura plágio.

Imperatriz, 25 / 02 / 2025



Documento assinado digitalmente
EDNA SOUSA CRUZ
Data: 26/02/2025 09:30:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador (a)

Lorrany Karoline Nascimento Sousa

Discente

Rua Godofredo Viana, 1.300– Centro, CEP. 65901- 480 – Imperatriz/MA. Fone: (99) 3528-4225

C.N.P.J 26.677.304/0001- 81 - Criada nos termos da Lei nº. 10.525, de

12.12.2016



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO
<https://repositorio.uemasul.edu.br/home>

1 AUTOR:

Nome: Lorrany Karoline Nascimento Sousa

Curso: Letras Inglês. Campus: Imperatriz.

Matricula: 20200004894

E-mail: Lorranysousa.20200004894@uemasul.edu.br

2 DOCUMENTO:

Tipo de documento:

() Monografia de graduação

() Trabalho de especialização

() Dissertação

() Tese

☒ Artigo de graduação

() Outro, informe qual: _____.

Título do documento:

Autodidatismo e as tecnologias digitais: uma análise de
aplicativos e sites gratuitos para o autoaprendizado da
Língua Inglesa

Local: Imperatriz-MA. Ano: 2025

Orientador (a): Profa Dra Edna Sousa Cruz

Co-orientador (a): _____.

3 DETERMINAÇÃO DE ACESSO:



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

- ☒ Liberação imediata
() Liberação a partir de 1 ano
() Liberação a partir de 2 anos
() No aguardo do registro de patente
() Somente arquivado e não publicado

4 AUTORIZAÇÃO DE ACESSO:

Como detentor dos direitos autorais desse trabalho supracitado, autorizo o Sistema Integrado de Bibliotecas – SIB UEMASUL a disponibilizar gratuitamente em sua plataforma online (Repositório digital ou Biblioteca digital), sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

Imperatriz, 25 de Fevereiro de 2025.

Leanny Karoline Nascimento Sousa

Assinatura do autor